

Calvário

A colocação em minhas pobres mãos do destino a dar a colégio moderno, que repentinamente finda seus préstimos ao ensino normal, foi a ocasião suprema nestas redondezas para a concretização daquilo que há largo tempo vinha sonhando — um centro de ensino especial para deficientes destas paragens verdejantes de Entre-Douro-e-Minho. O número de crianças deficientes intelectuais, em idade escolar, somente neste concelho, que por via daquelas ultimamente tenho calcorreado quase a palmo, cifrando-se em quatro centenas, confirma sobejamente o porquê da minha ansiedade desde há largos anos.

As aulas estão a começar. E as crianças estoiram de alegria que «o colégio agora é p'rá gente». Mas o edifício, esmeradamente concebido e espaçosamente delineado, permite sonhar mais ainda. Nele, como Centro de Bem Estar, podem-se também recolher durante o dia alguns deficientes mais profundos. E se aqueles são muitos, estes não são poucos igualmente.

Ontem dei um giro por quatro das vinte e quatro paróquias que tem o concelho, e visitei dezasseis deficientes intelectuais nos seus quadros de vida normal. Entre estes deparei com nove situações de profundos.

Aqui são três irmãos. Os mais velhos de catorze a vinte anos ainda balbuciam palavras e marcham com certa dificuldade. O Armando, de doze anos, passa o tempo encerrado num aposento, porque apenas vegeta.

Agora esta mãe, desolada, ergue do berço a filha de dois anos, cega e sem qualquer reacção que permita supor o mais ligeiro progresso.

Na serra, já com os ares mais lavados, contrastam os rostos das crianças, pintados com o lodo das ruas e projectando incúria e abandono.

Por entre a sombra de pinheiros e carvalhas, o carreiro leva-nos ao portal da casa que procuramos. A mãe acode à chamada e mostra-nos os dois filhos, a Rosa com quatro e a Maria José com sete anos. Ambas anormais. Não falam nem irão longe se permanecerem no contexto que presenciamos. Paredes meias, outra criança de três anos, a Rosa Maria. A esperança da mãe é força que poderá talvez levar a filha a dizer ainda algumas palavras. Mas só, esta pobre mulher vê-se impotente para algo mais.

Ao lado, ainda no cume da serra que subimos, outra mãe, com criança de quatro anos muito tenros, o Jacinto. Ele é severamente profundo. Nem consegue sentar-se, sequer.

Mais uns metros de peregrinação e encontramos dois irmãos, a Ermelinda de doze e a Gracinda de seis anos, igualmente deficientes mentais, com profundo atraso, nem sequer falando, sendo a mais velha também epiléptica.

E não longe destas mora o António de dezasseis anos, epiléptico e profundamente afectado na sua inteligência.

Os profetas das soluções perfeitas e universais raramente vêm concretizados os planos que sugerem por deixarem que seus pregões se percam nos projectos que apresentam.

Eu gosto de ser como as galinhas de outrora, nos quinteiros dos Pobres, as quais, grão a grão,

Continua na QUARTA página

Património dos Pobres

Peguei no monte de cartas que nos chegaram nos últimos meses a pedir auxílio. Peguei no livro de cheques a responder aos que pareciam mais aflitos. Peguei na caneta e comecei a escrever. Depressa se esgotou e para poucos chegou. Que pena!

A nossa sociedade tem ainda muitos valentes e muitos heróis. Ouçamos alguns desabafos:

«Depois que fui falar com V. já vieram duas forças d'água e molharam-me a roupa toda. Veja bem a minha necessidade porque eu sou um homem inutilizado porque já fiz

quatro operações quero trabalhar e não me sinto com forças.» É de Trás-os-Montes.

E, agora, Lamego:

«É com bastante sacrifício, pois tenho seis filhos ainda pequenos a sustentar, que me encontro a construir uma casa. Venho pois pedir um pequeno auxílio para me facilitar mais um pouco este esforço.»

E o testemunho dum pároco: «O meu paroquiano é pai de seis filhos, todos menores — o mais velho com 14 anos — está a fazer uma casa. Como é pobre — faz a casa com o seu muito trabalho,

suor e sangue — vem pedir o favor de o ajudar. É realmente pobre e digno de ser ajudado.»

Outro pároco: «Uma família muito pobre, a construir a sua casinha com tremendas dificuldades. A esposa é doente e com seis filhos pequenos, trabalhando só o pai. Se possível, pedia uma palhinha. Que o Senhor Ihes dê muito, para muito distribuírem pelos necessitados.»

Ainda outro pároco: «O meu paroquiano F. é pai de cinco filhos, o mais velho com sete anos, e é bom chefe de família, tem a casa em construção, mas só com auxílio a poderá acabar, auxílio que julgo merecido.»

E podíamos continuar com muitos, muitos gritos de aflições a ver se conseguimos afligir muitos que não são capazes de se afligir com as aflições dos Outros. Continuamos a ver desperdiçar dinheiro. Continuamos a ver uns com muito e outros sem nada. Continuamos a ver instalados nas suas coisas e outros minguando à procura daquilo a que têm direito. Continuamos a ver tantos e tantos que não querem ser irmãos.

Os gritos dos Irmãos têm direito a resposta. Responde!

Júlio Mendes

Padre Horácio



impresso em OFFSET

Esta edição foi impressa na máquina offset adquirida recentemente para a formação profissional dos nossos rapazes, em Paço de Sousa.

A inauguração da nova unidade é, assim, mais significativa: partilhamos a alegria com os nossos leitores.

O investimento de grande monta para uma Obra pobre ao serviço dos Pobres — já dissemos — requer a mão dos nossos Amigos, particularmente dos que possam alimentar a máquina com trabalho, muito trabalho, a «base de vida nas Casas do Gaiato». Sem ele, o investimento seria completamente nulo; jamais poderíamos habilitar profissionalmente os rapazes. A missão da Obra da Rua é exactamente «fazer de cada rapaz um Homem» — na feliz expressão de Pai Américo. Contamos convosco!

A expressão desta criança — neto da Obra da Rua — é a imagem que, por analogia, melhor caracteriza a nossa alegria e esperança pela inauguração da offset.



Vistas de dentro

● O meu piso actual é o Lar do Porto. Só venho de quinze em quinze dias a Paço de Sousa. Aconteceu que desta feita apanhei o domingo posterior ao dia de S. Martinho e, como já é tradicional, a nossa Casa nestes dias regista uma grande afluência de visitantes, sem exagero, da ordem dos milhares.

Por isso, são dias férteis em acontecimentos bons e maus.

Para muitos a visita é uma romagem de amizade saudável e colaborante. São abraços e beijos e perguntas e diálogos com os rapazes, não lhes faltando a delicadeza duns miminhos materializados em guiloseimas e brinquedos.

Primeiro salário

«Em primeiro lugar, desejo-vos mil felicidades na Paz do Senhor.»

Amiguinhos, eu sou uma menina de 13 anos, ando no 4.º ano do Liceu (8.º ano de escolaridade). Tenho aulas da parte da manhã. Saio à 1h e 30m e da parte da tarde vou para uma casa particular, onde existe uma professora que dá aulas a crianças um pouco atrasadas mentais. Como essa professora não pode cuidar só de tantas crianças, e como vive junto da minha casa, então eu vou para lá todas as tardes ajudá-la no que posso, pois recebo uma pequena remuneração. Não é muito, porque a professora dá-me lições de piano grátis. Por isso, não posso receber grande remuneração. Estou lá há um mês e é para continuar, se Deus quiser.

Como eu, desde pequena, tive uma certa admiração por essa grandiosa Obra, quando vou à Missa e vejo sempre o vosso jornal comprido porque gosto muito de ler.

Envio-vos 150\$00. Isto é apenas uma migalhinha do primeiro salário que tive do meu trabalho.

Agora peço, quando vos lembrardes na vossa Missa, rezai pelas melhoras da minha mãe. E também por mim, para que tudo me corra bem e para vos ajudar. Com respeito à minha mãe, ela encontra-se muito doente do coração, e se morre faz-me muita falta.

Despeço-me com um grande abraço para todos vós da vossa amiguinha...»

Sabe bem assistir, do alto da varanda da casa-mãe, a estas manifestações simples mas de muito significado humano.

Mas, não há bela sem senão! É que vem cá gente por vir ou porque no roteiro das excursões para a feira de S. Martinho, em Penafiel, faz parte a Casa do Gaiato. Os que são obrigados a perder assim um bom par de tempo que os priva da romaria, descarregam sobre nós, em comentários absurdos e estúpidos, o mau humor por saudades das castanhas e do verdasco (não temos nada com isso e respeitamos).

Outros, ainda, familiares de alguns rapazes, aproveitam estas excursões mais baratas para os visitar. Nada de mal entendemos. O mal está, em alguns casos, no traumatismo que causam a certos rapazes, principalmente os mais pequenos. Não pela surpresa da visita, mas pelo modo como se comportam.

Do alto da varanda vejo uma multidão à volta do Rocha. Não exagero dizer que eram mais de trinta pessoas.

O pequeno agachado nos braços duma mulher — que depois vim a saber é a mãe — parecia mais querer fugir àquela multidão, tal a sua expressão de tristeza e humilhação; não ousando, sequer, levantar os olhos e falar. Via-o assustado e deprimido, só aceitando a cabeça ao bombardeio de perguntas que lhe faziam.

Retirei-me, na esperança que fosse apenas uma avalanche passageira. Voltei, bastante tempo depois, à varanda. Qual não foi o meu espanto ao ver que o grupo se mantinha e o pequeno, mais agachado ainda, chorava!

Desci as escadas e vim pôr cobro àquele disparate: salvar o Rocha da multidão. Consegui chegar até ele e pedi que deixassem a criança em paz. Respondeu-me um moço dos seus vinte e dois anos, afirmando que eram todos familiares e a mãe dele estava ali. Disse-lhes que estranhava serem tantos familiares e que, por isso, os mais chegados e a mãe fossem com ele para uma das salas ou para o salão onde podiam estar à vontade — sem darem espectáculo.

Retirei-me, saudando todos, e fui dar uma volta pela quinta.

No regresso, mais de meia hora depois, fiquei irritado ao ver que estava tudo na mesma. E o Rocha no meio, com ar aparvalhado, causou-me dó. Zanguei-me. Peguei na criança pela mão e disse à mãe que, se quisesse continuar com o filho, me acompanhasse.

Do grupo destaca-se um grupinho que vem no nosso encalço e começa a disparatar.

Calado, ouvi tudo (estou calejado contra estas tempestades), desde a *prepotência* nossa de não deixar o pequeno estar com a família, até aos *maus tratos* que lhe damos, tudo

foi dito e do pior! Por fim, dizem que o pequeno não está abandonado, tem muita família e que o querem levar, pois «o bandido do tio que pôs o pequeno ali precisava era dum tiro na cabeça»!

Claro que o Rocha ficou. E ficará. Mesmo tudo o que eles disseram que fazemos ao rapaz fosse só um pouquinho de verdade, mesmo assim está muito melhor connosco — disso tomo inteira responsabilidade.

● Houve um outro grupinho, mais pequeno, à volta do Augusto. Só que ele não esta-

va intimidado. Um pouco mais velho que o Rocha e mais antigo cá em Casa e bem calejado doutras visitas do género, quase gozava o espectáculo — embora fosse o protagonista principal. Enquanto uns lamentavam a sua situação e outros lacrimejassem, ele, sorridente e bem disposto, despachou os familiares, foi calmamente jogar a bola com os colegas e os parentes seguiram para o S. Martinho (afogar as saudades que só reavivarão no próximo ano, na mesma data). Pobres dos Pobres!...

Padre Abraão

Novos Assinantes de O GAIATO

A nossa frente passa uma grande **procissão** de novos assinantes de O GAIATO. Presenças vivas, entusiásticas, de todos os pontos do País e além fronteiras.

São os que nos abordam directamente — em expresso compromisso d'Amizade — vinculando-se à Família de leitores de O GAIATO.

São os actuautes, que não se fecham nas quatro paredes de sua casa, e, por isso, mais se interessam e melhor avaliam os problemas dos Outros, motivando amigos e familiares — na rua, no emprego, no café... — a fazerem parte do número de assinantes de O GAIATO.

É toda uma gente feliz que, discretamente, vive e espalha a Boa Nova d'alma aberta e coração nas mãos — em procura de um Mundo Melhor.

«Desde criança que não fazia nada deste género — afirma uma leitora de Lisboa — mas ontem enchi-me de lata (que é coisa que não tenho) e com O GAIATO na mão perguntei a algumas colegas se não queriam fazer uma assinatura.»

Como, muitas vezes, nesta vida estafante de Lisboa, as pessoas não têm pachorra nem tempo para nada, disse-lhes, logo de início, que me encarregaria do compromisso das assinaturas.»

Agora, queria pedir-lhes que comessem já, o mais depressa possível, a enviarem-lhes O GAIATO, uma vez que o ano foi pago adiantadamente.»

É curioso que a primeira assinante que designei, a quem mostrei o jornal porque estava a oferecê-lo a outra colega, foi a mais entusiástica de todas. Tomou ela a iniciativa de se oferecer para o assinar, dizendo que achava muito interessante a coincidência, porque na véspera tinha

sido informada acerca da Obra do Padre Américo.»

Esta senhora enviou quatro novos assinantes.

Nós gostamos muito de presenças jovens (O GAIATO já vai no 34.º ano de publicação...). Hoje temos, por exemplo, os Alunos do segundo ano da Escola de Runa, com notícias pelo seu punho:

«A nossa professora falou-nos muitas vezes em vocês e nós queremos conhecê-los melhor. Vão 100\$00 num vale do correio para nos mandarem jornais para nós lermos e vendermos. E antes do Natal iremos fazer uma visita à Casa do Gaiato do Tojal, que é a que fica mais perto. Um grande abraço para todos...»

Retribuímos com muito calor!

Mais uma presença lisboeta, que reputamos de muito importante. Aqui está:

«O meu filho é assinante de O GAIATO há já alguns anos.»

É leitura que não perco e tem-me trazido momentos de muita Paz.»

Os problemas que foca são por mim sobejamente conhecidos, pois através da minha vida profissional todos me vão chegando às mãos. Faz-nos, no entanto, encarar por um prisma bem diferente daquele por que muitas vezes sou tentada a vê-los. Tudo tem, realmente, um sentido e o que custa por vezes é descobrir esse mesmo sentido.»

Vão dois nomes de filhos de amigas minhas que querem também receber O GAIATO em suas casas.»

Os Refugiados d'África continuam a regressar lentamente ao nosso convívio. Valença fala por todos:

«Após os trágicos acontecimentos por que todos passámos em Moçambique, deixei de receber O GAIATO, jornal a que tanta devoção e carinho tínhamos. Como tantos outros, ficámos desfeitos física e moralmente. Já nem falo no aspecto material que, afinal, nem merece menção.»

Consegui, há pouco mais de alguns meses, dominar o meu desespero e amargura e, assim, ir ordenando a nossa vida. Debalde tentei, vezes sem conta, pedir-vos a remessa de O GAIATO. Não tinha força para isso. Hoje decidi-me. Penso que no vosso ficheiro continua o nome de meu marido..., para quem deve ser remetido em Valença do Minho.»

Junto um cheque de 200\$00, pouco ou nada com que posso retribuir o muito que vou receber.»

O assinante 1461, da Curia, manda mais uma nova assinante que **«tendo mudado para o Porto e estando habituada a ler O GAIATO em minha casa, diz não poder dispensar a sua leitura.»**

Aparecem casos deste género assiduamente. E são um bom sinal.

Um outro, tendo saído de S. João da Madeira, leva na mão o facho para a Trofa e de lá solicita: **«Quando tiverem oportunidade agradeço me metam no meu jornal um impresso para arranjar novos assinantes, pois parece que aqui, no Banco, tenho facilidade de conseguir alguns.»**

Bom Amigo, qualquer papel serve! Interessa é que as pessoas abordadas aceitem o compromisso da assinatura. E vamos levar O GAIATO a toda a gente!

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

OBRAS — A vida comunitária em nossa Casa vai-se processando normalmente, conscientes de que para mantermos uma Casa como a nossa, é preciso que cada um assuma a responsabilidade que lhe compete. A nossa Casa, graças ao nosso trabalho, vai aumentando. Assim como a Escola Primária, onde actualmente os nossos rapazes têm as suas aulas, é pequena para receber dezenas de rapazes que temos em idade escolar, resolvemos aproveitar todos os cantos possíveis próximos da antiga escola. Onde era uma arrecadação de madeiras, há agora em construção uma nova sala. Mas, para isso, num dos últimos sábados foi dia de trabalho sério e duro; havia que encher vigas e placa onde assentariam as telhas. Já era noite quando acabámos de encher a placa. Mas, no fim, todos estavam felizes, pois é sempre com alegria que construímos um futuro melhor para nós e para os outros.

LAVOURA — Finalmente o milho está arrecadado, pois o mau tempo impedia que secasse. Aproveitámos um pouco de bom tempo e arrumámos-lo. Bastante trabalho! Agora o mérito é para aqueles que num sábado estiveram a debulhar até às tantas da noite, pois a máquina só muito tarde pôde vir. O mérito é maior ainda por ter sido feito sem que vinte e quatro dos mais velhos estivessem presentes, pois se encontravam num Convívio Espiritual, em Coimbra.

Somos uns pelos outros.

Nicolau

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

VIÚVAS — Ela mexeu no caso, há anos. Foi bloqueada. Mas nunca se deu por vencida!

É viúva desde 1966. O marido, electricista de Serviços municipalizados, morreu fulminado no seu posto de trabalho.

Que tem recebido ela, desde aí? Uns magros escudos da Companhia de Seguros!... Só que, recentemente, as seguradoras aumentaram a pensão para dois mil escudos.

Mas as viúvas destes funcionários, já no quadro, mortos em serviço, não teriam oficialmente direito a pensão de sobrevivência? Não confundamos com a da companhia seguradora...

Ela foi, agora mesmo, recolher dados, enquanto púnhamos em acção o presidente da Câmara de sua terra, que legalmente superintende nos Serviços.

Não tivemos escrúpulo — por mor da verdade e da justiça — de solicitar ao referido tribuno a obrigação legal e moral de tomar à sua conta a resolução do problema. «A César o que é de César.»

Vamos a ver.

PARTILHA — «Assinante do *Seixal*» com 1.200\$00. É assim todos os meses. Que testemunho, que persistência!

Assinante 19177 manda 100\$00, «como de costume». A mesma nota de outra Assinante, envolta num papinho discreto e anónimo.

Por intermédio do Espelho da Moda: 100\$00 da assinante 1340 «pedindo um Pai Nosso» por alma de duas Marias e três remessas de 500\$00 do assinante 13519. Presenças mensais?

Outra Assinante, com o n.º 28051, envia 50\$00 «que é uma migalhina para a Conferência. É muito pouco, eu sei. Mas sempre que possa não me esquecer de repartir, pois sinto tanta alegria e consolação espiritual quando leio o nosso jornal O GAIATO!»

Um Amigo de Fânzeres com 100\$00. «A minha vontade era mandar mais», disse, «mas tive um atraso muito grande na minha vida».

Agora, são 700\$00 da Assinante 26938. E 50\$00 de Isabel. E 140\$00 do Pinheiro Manso — Porto. E 100\$00 da Assinante 17929 «em acção de graças por Deus me ter concedido mais um ano de vida (81) com saúde». Que feliz aniversário!

Mais 150\$00 da rua Pascoal de Melo, Lisboa. E 500\$00 de Vila Moreira. E 200\$00 de Lisboa, «importância esta que me pediram por um pequeno ramo de flores que, no Dia de Finados, destinava pôr na campa dos meus Mortos». Beneficiou os Vivos. Que Felicidade no Céu!

Oliveira do Douro volta com Mensagem. Escutemos:

«Junto um cheque de 500\$00. O anonimato, por favor.

Mais uma vez peço uma oração ao Céu, desta vez tendo em atenção a ânsia que há dentro de cada um de nós na busca da felicidade. Que essa ânsia seja satisfeita de harmonia com os designios de Deus, procurando sempre o bem de todos os Irmãos, sem excepção, esforçando-nos por trilhar os caminhos certos da existência, sabendo de antemão que a Felicidade está Lá em cima. Que Deus nos ilumine e ajude a ampararmo-nos uns aos outros na caminhada e que assim unidos vamos ao encontro do Senhor.»

Encerramos com chave d'ouro! Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Setúbal

VICENTINOS — Noutro dia estive em nossa Casa um grupo de vicentinos. Foi o encontro deles, ainda jovens. Alguns dos veteranos também vieram, mas só para alento dos novos. Celebrámos a Eucaristia e sentimos bem o ar festivo que enchia os corações destes recoveiros dos Pobres.

Na Palavra da homilia, Pai Américo esteve presente na boca de quem presidia.

O vicentino busca a Salvação, procurando o bem-estar dos Irmãos mais necessitados. O fazer o bem

material é uma maneira de falar de Cristo. «... Não se pode pregar a estômagos vazios» — diz Pai Américo. O vicentino é um sacerdote também. Para falar e mostrar Cristo, não é preciso estudar Teologia. Os pequenos são chamados a fazer coisas grandes, nas pequeninas coisas que fazem na visita ao Pobre.

Que estes e outros jovens vicentinos se unam no Ideal mais vivo e levem a outros o sentimento da sua vivência. O Pobre, mesmo depois de sair da pobreza, precisa sempre de quem o norteie a fugir da miséria.

VELHOS GAIATOS — Temos sentido a natural alegria de vermos por cá rapazes que saíram das nossas Casas e hoje têm a sua família constituída.

Assim, além do Flávio Teixeira que vem com frequência mai-la sua prole, tivemos entre nós o Teles e sua esposa. Lembro-me dele em Coimbra. Agora está radicado no Brasil.

Outro «brazuca» que esteve conosco foi o Teixeira, de Paço de Sousa. Gostámos muito de ver a simplicidade dele e da esposa, natural de Amarante.

Outra prole que esteve entre nós foi a do Carlos Gonçalves, de Paço de Sousa, da minha geração.

Bem hajam por virem até nós. Queremos que outros nossos, principalmente os que foram desta Casa, venham dar um pouco de coragem, afirmando-nos que a semente, outrora lançada, germinou.

ESCOLAS — Começaram as aulas no Ensino Secundário e no Ciclo Preparatório TV.

Na Escola Primária tudo principiou a tempo e, parece-nos, com gosto das professoras. Que elas não desanimem e nos ajudem.

UM PEDIDO — Já se faz sentir o frio! Dizemos-te que temos muitos rapazes a estudar que precisam de se cobrir da chuva e do frio. Guarda-chuvas, canadianas, gabardinas e calçado...

Temos muitos da classe mais pequena que ainda urinam na cama... As senhoras estão à espera de resposta. Passa a palavra a outros e dá-lhes a nossa direcção: *Casa do Gaiato — Setúbal*.

Ernesto Pinto

Paço de Sousa

FINS DE SEMANA — Agora temos o horário de Inverno. Cada um escolhe, dentro dos nossos condicionamentos, o que mais lhe convém para passar a tarde de sábado.

Os estudantes nocturnos estudam; outros jogam cartas no bar; outros, ainda, ping-pong, etc.

Se os leitores tivessem correspondido aos nossos diversos pedidos de instrumentos musicais, o tempo seria mais bem passado. Não acham?

Vamos lá. Não custa nada. É só terem a bondade de desmontar, embulhar e enviar pelo correio ou escrever o sítio aonde a gente vá buscar!...

Esperamos que cada um de nós cumpra e se consciencialize que se um só que seja andar fora do seu

lugar, é o bastante para ser prejudicada a Comunidade.

DESPORTO — O nosso onze anda em forma. Fez o último resultado de 11-2 contra uma equipa de Alfena.

Há por aqui quem me pergunte: — Então tu só pões as vitórias!? E as derrotas?

Bom, a minha resposta foi breve, dizendo que ele não via os jogos. Pois são assim tantas as derrotas que eu não tenha dado nota!? Parece-me que não. Além disso, em jornais anteriores tenho falado de resultados negativos.

Mais vale estar calado que falar desacetadamente...

Já começámos novamente com a ginástica. Os estudantes nocturnos treinam às quartas-feiras de manhã, os restantes de tarde.

O Álvaro continua a ser o monitor o que aliás nos consola, pois durante estes anos tivemos sempre um professor de fora, quando em Casa tínhamos valores capazes para o monitor ser um dos nossos.

O Atletismo também está na ordem do dia. Além de termos participado em algumas provas, aquando da aula de ginástica o *cross* final é quase um hábito.

Dentro em breve teremos uma nova modalidade desportiva: apanhar as folhas caídas das árvores, que se acumulam nas ruas da nossa Aldeia.

Vai ser divertido!

MILHO — Temos o nosso milho recolhido.

Os mais pequenos, que ainda não têm serviço em oficinas, foram os encarregados de fazerem o trabalho. Jorgito e Félix são os trabalhadores mais fracos. O P.e Moura andava por lá e ia observando o vagar com que os nossos trabalhadores caminhavam.

Depois de vários avisos, que se não andassem rápidos os outros todos iriam ficar no recreio a trabalhar porque tinham que deixar o milho acabado, foram ameaçados de ficarem sem merenda.

O trabalho era um pouco custoso e eles bem precisavam de alimentação...

MONTAGEM DA OFFSET — A nossa *offset* está pronta! E já não é sem tempo...

Como podem observar, este número foi impresso na nova máquina. Para chegarmos a este ponto foram precisos muitos dias de trabalho e sacrifício.

Primeiro, não podíamos pensar ter a máquina porque não havia onde colocá-la.

Depois de ser estudado o local, começamos as obras, e de que maneira! para que a máquina chegasse o mais brevemente possível.

Por cá andou o sr. Mota e Quim, especialistas de construção, mai-lo sr. Vieira na parte eléctrica.

A máquina aguardava, em nossa Casa de Lisboa, licença de transição para Paço de Sousa.

Quando assim aconteceu, e a camioneta parou junto à oficina, foi rodeada por uma parte da Comunidade, sobretudo os mais pequenos que tiveram grande curiosidade em ver a máquina de que tanto se

falava. Estou certo de que muitos ficaram decepcionados. Esperavam uma máquina muito maior...

Foi, então, colocada no sítio definitivo para neste momento termos um jornal-experiência, quanto a impressão propriamente dita.

Zé Gomes, antigo gaiato e montador de máquinas gráficas, foi o encarregado da montagem, limpeza e afinação da *offset*.

Recordemos que a máquina já era em segunda mão. E, por isso, tinha um pouco de ferrugem..., que o Oliveira e o Jaime limpavam a primor.

Mais uma máquina! Mais dinheiro gasto no aproveitamento profissional dos gráficos.

Já agora, quem nos lê e tenha trabalho para a nossa *offset*, agradeçamos imenso que nos dê a preferência.

Obrigados!

JARDINS — O jardineiro é o Fernando Dias e tem como ajudante o Rafael.

Por cá andam os dois cortando ramos de árvores que estorvam o trânsito na avenida e ruas da nossa Aldeia, ajeitando os jardins bastante estragados, podando sebes, etc.

O jardim perto da casa 4 mais o da casa 3 estão um amor! É vê-los.

«Marcelino»

Lar de Coimbra

RETIRO — Durante dois dias deixámos tudo o que é realidade, trabalho. Tudo o que materialmente nos ocupa e preocupa — as obras, o campo e todas as outras ocupações de labor — ficou entregue àqueles que não tinham a idade ou as condições necessárias para um encontro desta natureza e aos que, por razões óbvias, não desejaram aparecer.

Abstráidos de problemas reais e quotidianos, encaminhámos os nossos sentidos para outra espécie de problemas: a nossa vida espiritual; as relações com o nosso Semelhante e com Deus; dar paz à nossa consciência onde as dúvidas e as dificuldades próprias de nós, jovens, se acumulam.

Conosco esteve o Padre Diamantino, jovem e animador.

No fim disse-nos:

— Aprendi muito convosco! Somos assim, um enigma, que desvendado com tacto...

Falou-se e falou-se bem. Levantaram-se problemas que são de considerar.

Temas de reflexão: Cristo quem é para mim? Que faço eu pela sociedade em que estou inserido? O meu ideal, etc...

Houve trabalho, participação, vivência, animação.

Aproveitámos tudo: desde a mesa à cama, as brincadeiras feitas no tempo especialmente concebido para o humor, as cantigas e os cânticos religiosos, os cartazes expostos com gravuras e frases muito significativas, os «slides», a Doutrina, a Eucaristia e tudo quanto cada um, muito subjectivamente, adquiriu.

Não foi em vão. Não se malhou em ferro frio!

Benjamim

Aqui, Lisboa!

Lisboa é um pandemónio! Não queremos referir-nos, evidentemente, àquilo que constitui as características de todos os grandes centros, como o movimento nervoso, apressado e caudaloso de pessoas e a circulação ruidosa e nem sempre vagarosa dos mais variados tipos de veículos. Mais do que isso importa registar as multidões multicolores que se arrastam ou estacionam sem emprego ou ocupação; os quadros tenebrosos de pedintes estendendo a mão ou expondo as suas chagas, verdadeiras ou simuladas, pelas esquinas e ruas da cidade ou às portas dos lugares de culto. Outrossim se diga da porcaria espalhada por toda a parte; do lixo acumulado aqui e ali; das paredes sujas e cheias de propaganda; da prostituição campeando por todos os lados; dos grupos de marginais vagueando; e dos quadros mais distantes de falta de respeito mútuo; e dum deixar cair os braços; e da alarmante fuga ao cumprimento dos deveres. Quem anda, por obrigação do cargo, pelas mais diversas repartições e lugares, quase é levado a pensar estarmos todos em férias ou num grande manicómio. Os roubos e os assaltos multiplicam-se, à luz plena do dia, na maior parte dos casos ficando impunes; à noite, sobretudo em certas zonas citadinas, as pessoas fogem de sair à rua.

Nos bairros periféricos, e não só, a vida degrada-se cada vez mais. As barracas multiplicam-se. No outro dia estive na Charneca do Lumiar. Santo Deus! Como se pode viver assim?! Matilhas de cães à mistura com crianças andrajosas e mal cheirando, à mingua de água e de

condições higiénicas, pululam por todos os lados. Da família por que procurávamos, com oito filhos, só encontramos uma pequenita de dois ou três anos; o pai e os restantes filhos tinham ido para a pedincha, enquanto a mãe fora trabalhar. Duas das crianças, as mais velhinhas, são nossas e estão agora em Setúbal; mas das outras, não nos custa prognosticar o futuro. Por outros lados, à maneira de cintura apertada, bem assim nos concelhos limítrofes, os espetáculos são idênticos. Entretanto, para vergonha nossa, o Vale do Jamor denuncia uma descolonização recente, à trouxa-mouxe, em que as pessoas não contam ou ficam à margem das preocupações dos responsáveis. Porque somos solidários com os que sofrem, embora pouco podendo fazer, fizemos seguir para lá, há duas semanas, uma camioneta com divãs e colchões. Que ao menos haja quem deixe de dormir no chão! No aeroporto quem não tem visto ou sabido o que lá se tem passado e continua a verificar-se, pelo menos ainda na hora em que escrevemos estas notas?! Talvez se possa considerar como de «ex-libris» dos tempos uma multidão de gente vivendo no chão, mal agasalhada e nas mais precárias circunstâncias. Se não fosse a Caritas e a Cruz Vermelha nem calculamos o que seria!

Para lá do descrito, à maneira telegráfica, vamos apalmando as dificuldades de muitas famílias que vêem degradar-se as suas condições de vida. O nível desta deteriora-se e os agitadores de águas turvas aproveitam a ocasião.

Em muitas escolas ainda não há aulas, pelo menos em algu-

mas disciplinas; e os serviços sociais, a começar pelas cantinas, não funcionam ou trabalham mal.

A hora que vivemos é, de facto, difícil e preocupante. Por isso, exigitiva de empenhamento e de trabalho. É preciso, portanto, que todos se compenentrem das suas responsabilidades, a começar pelos políticos e governantes deste País. Deixemo-nos de inflações verbais e de promessas gratuitas, que de palavras estamos fartos. Além disso, e isto é de

todos os tempos, há para aí muita gentinha que apenas quer ser servida e não pensa nem quer servir. Liberdade sem obrigações ou deveres é um contra-senso, por constituir tirania; e não é por cada um poder dizer o que lhe apetece que ela existe ou acontece. Pregá-la a estômagos vazios, aliás, é esquecer que nunca resultou, por os não poder encher ou saciar. O resto é conversa fiada.

Padre Luiz

NOTA da quinzena

Que Outono esquisito!... O vinho e o milho foram colhidos com água da chuva e já um pouco à pressa. Este ano, as cubas são grandes demais; e o espigueiro, pequeno e a estrear. Novas sementes estão prestes a cair à terra para que o pão não acabe com uma colheita arrumada. E os diospiros foram já apanhados com as folhas ainda presas à árvore, para que possam ser comidas maduros. As castanhas, de tão caras que estão, obrigaram-nos a adiar o magusto! Os porcos, temo-los isolados para prevenir qualquer contágio prejudicial com as pessoas. Nem toda a gente é ainda capaz de compreender isso. E o desafo aparece magoado: «Então isto já não é como dantes?» Não gostamos nada de doenças... Tão simples! Até os animais podem sofrer com certos saudosismos...

Hoje o vento é de nortada forte. O chão está sujo de folhas caídas. Gostava tanto que elas não fizessem lixo, mas apodrecem. E serão o adubo de novas folhas, novos frutos e novo pão. A morte mistura-se com a vida, até no mais simples da Natureza. Poucos são os que sabem morrer por causa de um viver... Talvez ainda ninguém saiba. É que não basta saber; sim, viver mesmo. No pormenor mais pequeno do dia-a-dia, somos dogmáticos e juizes severos uns dos outros. Por exemplo, quando criticamos situações más até que ponto é que estamos disponíveis para aceitar as soluções mais de acordo com a verdade que é sempre verdade queiramos ou não?

Não! Aquela frase do Evangelho, «quem não é por Mim é contra Mim», só merece um comentário: somos ou não somos...

Pois. Também somos os filhos de uma sociedade onde o Carlos Oliveira nasceu. Não foi ainda por ele que soube da sua vida já tão castigada. O pai morreu, a sua mãe é de mente e ele ficou à deriva, em casa da irmã. Pela primeira vez que o vi, metido no grupo, a ver televisão, fui surpreendido, e de que maneira!, pelo seu olhar assustado e vago. Nos primeiros dias chorava e queria ir-se embora. E se não fosse

alguém da estação telefonar por causa de «um miúdo que estava à espera do comboio e já com o bilhete tirado» e com ares de desconhecido, o Carlos teria conseguido o que queria e o que não queria... De volta, pediu que não o castigássemos; ele, já tão castigado... Claro que não! Fez também a promessa dele: «Não volto mais a fugir!» Palavra de homem, até agora. Mudou de feições carregadas para outras mais leves. Simpatizou muito com as nossas vaquinhas e vitelos e por cá tem dado a ajuda que livremente sabe dar. Até a escola, que lhe metia medo, não é problema, para já. Vainos dando conta do que gosta e do que faz com interesse.

A nós falta-nos aquela capacidade larga de resposta mais humana ao problema fundo desta e doutras crianças... Ajuda material não tem faltado, graças a Deus. Mas o problema espiritual e humano da nossa vida é mesmo um problema... O dinheiro é ajuda, mas qual o seu valor, se desligado de um compromisso mais profundo com a pobreza, não só material, de tantos homens a quem devemos diariamente a solução urgente de necessi-

Malanje

ELEIÇÕES — Fizemos as eleições. Sem esquerdas nem direitas ou qualquer pressão a encarrear a malta para qualquer ponto. Livres. Eleitores: os que com mais de 16 anos ou 4.ª classe feita. Elegíveis: os que reuniam as condições: idade, 4.ª classe e disponibilidade.

E foi. Sansão, com 22 votos, chefe maior; Estel (António), 7 votos, sub-chefe; Joaquim (Tchiquim), 4 votos, chefe da casa 1; Fernandinho, 4 votos, chefe da casa 2; Carlos (Banana), 2 votos, sub-chefe da casa 1; Tonito, 1 voto, chefe da casa 3; Zé Mário, sub-chefe da casa 3.

Falou o chefe cessante (Camacho II), que agradeceu aos que com ele colaboraram na resolução dos problemas durante o ano.

Falou o novo chefe, pedindo ajuda àqueles que nele votaram: «O peso das responsabilidades será mais leve na medida da colaboração de todos; temos de criar o espírito da Obra (Fraternidade)».

Falei aos novos chefes na urgência de nos apegarmos ao espírito de Pai Américo, sempre actual em qualquer parte — de o recomencarmos dentro de nós e traduzi-lo na nossa vida quotidiana.

Padre Telmo

Calvário

Continuação da PRIMEIRA Página

iam satisfazendo o apetite, e assim se consolavam.

O problema dos deficientes intelectuais, quer ligeiros quer profundos, é de tal amplitude, que não vislumbro plano, pelo menos para já, nem modo de o ver cabalmente solucionado. O plano mais sensato e talvez mais verdadeiro e realista seja aquele que pega em cada caso e lhe dá a solução possível. E é possível resolver tantas situações quando se quer ir até ao limite das possibilidades que temos ao alcance!

A primeira caminhada será a do nosso interesse pessoal. Depois, a de inquietar quantos nos cercam. E de círculo em círculo avançando sempre.

O ex-colégio, agora Emaús, que Movimento do Porto tomou como seu, vai dar resposta a algumas aflições locais. O interesse está despertado. A Câmara Municipal comprometeu-se já com mentalidade substancial. Grupos de amigos também. Quem dera que em cada concelho surgisse iniciativa semelhante. Ando a inquietar por aqui. Gosto de inquietar. Pessoas que levei comigo nesta ronda não dormiram esta noite. E quero ver se faço perder o sono a muitos mais.

Padre Baptista

Novos Assinantes de O GAIATO

Cont. da 3.ª pág.

Além do que já foi dito, temos mais assinantes novos em Riomeão, Salreu, Braga, Figueira da Foz, Gouveia, Sines, Alvados (Porto de Mós), Paço de Arcos, Valadares, Espinho, Parede, Águas de Mou-

ra, Eixo, Mezio, Coimbra, Alpiarça, Setúbal, V. N. de Gaia, Ovar, Mem Martins, Castanheira de Pera; muitos também de Lisboa e Porto; e Benguela, Moçâmedes e Lubango (Angola).

Júlio Mendes



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa